



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JULIANA SOUSA RODRIGUES

**JAPÃO: AOS OLHOS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DURANTE E PÓS
SEGUNDA GUERRA**

**REDENÇÃO
2016**

JULIANA SOUSA RODRIGUES

**JAPÃO: AOS OLHOS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DURANTE E PÓS
SEGUNDA GUERRA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a banca examinadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, para a obtenção do grau de bacharelado em Humanidades, sob a orientação do prof. Dr. Fabio Baqueiro Figueredo.

REDENÇÃO
2016

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos– CRB-3 / 1219

-
- R611j Rodrigues, Juliana Sousa.
- Japão: aos olhos dos Estados Unidos da América durante e pós segunda guerra. / Juliana Sousa Rodrigues. – Redenção, 2016.
- 34 f.: il.; 30 cm.
- Monografia do curso do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.
- Orientador: Prof. Dr. Fabio Baqueiro Figueiredo.
- Inclui referências.
1. Japão – História. 2. Japão – Pós-segunda guerra mundial. I. Título.

CDD 952

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, ao meu pai José Osvaldo da Silva Rodrigues, minha mãe Ana Lucia Sousa Rodrigues, ao meu irmão João Pedro Sousa Rodrigues e a todas as outras pessoas que estiveram ao meu lado nesse momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu namorado Antonio Ismael Mendes de Lima por todo o apoio ao longo do curso, ao meu professor orientador Fabio Baqueiro por toda a paciência e principalmente pelo conhecimento passado, agradeço também ao meu pais José Osvaldo da Silva Rodrigues e Ana Lucia Sousa Rodrigues que sempre estavam lá na hora desespero ajudando no que podiam, pois sem a ajuda de todos esse trabalho não seria possível.

RESUMO

No lado Leste do continente da Ásia existe um arquipélago denominado Japão onde vive um povo em sociedade. O presente estudo tem como objetivo fazer um paralelo de ideologias de como essa população se comportaram durante os tempos de guerra e pós guerra. Logo, este trabalho está devidamente dividido em dois capítulos, o primeiro apresenta o Japão mediante suas diversas formas de abordagem, desde um conto japoneses até um país político em busca de expansão. O segundo por sua vez vai abordar como o Japão era visto pelos Estados Unidos durante a guerra e como a população japonesa viveu durante os primeiros anos do pós guerra. Utilizou-se nesse trabalho apenas pesquisas bibliográficas de antropólogos e historiadores que trabalharam com os acontecimentos da primeira e segunda guerra e com a criação da imagem do Japão pelos Estados Unidos.

Palavra-chave: Japão História, Relação Social, Relação Política, Estados Unidos.

ABSTRACT

On the east side of the continent of Asia there is an archipelago called Japan where lives a people in society. This study aims to draw a parallel of how this population behaved during the war and post-war times ideologies. Therefore, this work is properly divided into two chapters , the first shows Japan through its various forms of approach from a Japanese tale to a political parents seeking expansion. The second turn will address how Japan was seen by the United States during the war and how the Japanese population lived during the early years of post war. It was used in this work only bibliographic research of anthropologists and historians who worked with the events of the first and second war and the creation of the image of Japan by the United States.

Keyword: Japan History, Social Relationship, Relationship Policy , United States.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	UM POUCO DE HISTÓRIA: JAPÃO	9
3	JAPÃO REAL X OLHAR AMERICANO	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

INTRODUÇÃO

No ponto Leste da Ásia existe um arquipélago formado por várias ilhas denominado Japão onde vivem cerca 126.573.481 habitantes numa área de 377.947km², tendo assim aproximadamente 334.90 habitantes por quilometro quadrado.

Essa sociedade viveu apenas com o contato dos seus, sendo assim isolada do Ocidente, até que em 1541 teve a chegada dos Portugueses, onde eles descobriram a arma de fogo e após alguns anos tem a chegada dos Americanos forçando a abertura dos portos; Segundo os relatos de Panikkar datado de 1969 foi isso que transformou o Japão num país moderno e Said em 1978 relatou que o Oriente é criado pelo Ocidente dentro de um fator "espelho" onde um é o oposto do outro.

Com o crescimento do país, seu dominante o Imperador desejou sua expansão, pois segundo Panikkar após primeira guerra o Japão garantiu um lugar na mesa dos países dominantes, causando assim sua entrada na segunda guerra mundial e após a dominação da Manchúria iniciou um conflito direto com os Estados Unidos, trazendo assim grande destruição ao solo japonês.

Esta monografia tomou como tema a forma como o Japão era visto pelos Estados Unidos durante a segunda guerra e como esse país se manteve após a mesma, considerando a voz do historiador Igarashi e a antropóloga americana Benedict.

Tendo como objetivo analisar o conceito e a forma de visão de cada país sobre um objeto x, sendo esse objeto o comportamento japonês dentro da situação não comum denominada guerra.

Esse trabalho foi desenvolvido dentro de um dialogo que por sua vez é o corpo do trabalho aqui apresentado. O primeiro capítulo é uma explanação histórica e geográfica do Japão, sendo assim uma linha temporal até o inicio da segunda guerra. O segundo é composto por um dialogo do que é o costume japonês aos olhos dos autores Ruth Benedict e Igarashi.

1 UM POUCO DE HISTÓRIA: O JAPÃO

Japão, o que falar de uma ilha que esta do outro lado do globo terrestre? Ele pode ser muitas coisas, pode ser uma lenda, um potencia econômica, um país que carrega suas marcas até o fim dos tempos. Por mais que a cultura tenha se modificado com o tempo, ele continua sendo a ilha asiática onde existe o moderno e o antiquado.

Para as crianças japonesas existem as ilhas esmeraldinas criadas no início dos tempos por dois Deuses enamorados onde a natureza eram seus filhos amados.

Um dia, o tonante Izanangui, que habitava com a formosa e divina Izananmi o empíreo celeste, indiferentes ao mundo ainda descampado, teve a fantasia de sondar com a ponta ciclópica da sua lança de deus as profundezas do oceano e, ao recolhê-la d'agua, as gotas que escorreram e pingaram no mar viraram-se numa ilha esmeraldina, Awaji, da qual os dois altos amantes, cansados do céu impassível, fizeram o éden dos seus amores terrestres e sensuais. (AZEVEDO,1984, p. 4)

Para os economistas um arquipélago com 372.819 km² de área situada no lado leste da Ásia composto por mais de três mil ilhas sendo cinco ilhas principais: Hokkaido, Honshu, Shikoku, Kyushu e Okinawa; as outras estão espalhadas pelo oceano japonesas sendo que algumas só aparecem em época de maré baixa. O país hoje se compõe de quarenta e sete províncias divididas em nove regiões, sendo elas: uma em Hokkaidō (Hokkaidō), seis em Tōhoku (Aomori, Iwate, Miyagi, Akita, Yamagata e Fukushima), sete em Kantō (Ibaraki, Tochigi, Gunma, Saitama, Chiba, Tóquio e Kanagawa - sendo Tóquio a capital do país), nove em Chūbu (Niigata, Toyama, Ishikawa, Fukui, Yamanashi, Nagano, Gifu, Shizuoka e Aichi), sete em Kansai (Mie, Shiga, Kyoto, Osaka, Hyōgo, Nara e Wakayama), cinco em Chūgoku (Tottori, Shimane, Okayama, Hiroshima e Yamaguchi), quatro em Shikoku (Tokushima, Kagawa, Ehime e Kōchi), sete em Kyūshū (Fukuoka, Saga, Nagasaki, Kumamoto, Ōita, Miyazaki e Kagoshima) e uma em Okinawa (Okinawa). Por ser um conjunto de ilhas não tem fronteira terrestre, tem uma faixa litorânea de 29.751Km² que esta rodeada pelo Mar do Japão (oeste), Oceano Pacífico (leste), Mar das Filipinas (sul) e Mar de Okhotsk (norte).

Sobre religião aqui existe duas principais o budismo e o xintoísmo no total fica xintoísmo (83,9%), budismo (71,4%), cristianismo (2%), outras (7,8%) - o total excede 100% porque muitos japoneses seguem o xintoísmo e o budismo (2005).¹

¹ Vide IBGE (2014) → Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/paisesat/main_frameset.php>

Sua historia pode ser contada de varias formas, porém a mais utilizada é a divisão em ERAS desenvolvida por Toneri no Miko e Ō no Yasumaro datado de 750, que por sua vez é uma divisão política por que cada era recebe seu nome a partir do clã dominante ou forma de agir do Imperador em quantidade elas são dez em sua totalidade onde se estende uma longa linha do tempo. Neste trabalho iremos abordar apenas datas importantes que envolviam direto ou indiretamente o ocidente e seu contato com o Japão o pais feudal que fechou suas portas para o mundo externo.

Ferro (2008, p.43) relata que foi o Rei D. João II de Portugal que liberou a ida dos navios ao Japão a pedido de Cristóvão Colombo em 1484. Ele também afirma sobre o desejo do Canadá, pois ao descobrir a rota de São Lourenço imagina ser esse o percurso para o Japão em 1535.

A política japonesa assim como a de todos os países está sempre em mudança, elas ocorriam a partir da troca do clã dominante, por exemplo com os Tokugawa no poder (século XVI) o poder do Shogun² era utilizado para dividir o imperador e sua corte dos Daimios³ como citou Chesneaux (1976, p.14). Para melhor entendimento citamos aqui o período Sengoku⁴ onde ocorreu muitas batalhas entre os samurais, o Imperador era apenas um posto e não tinha autonomia nenhuma sobre os exércitos, logo quem tinha esse poder era os Daimios mantendo assim o poder na mesma família por gerações.

Em 1541 Portugal chega ao Japão, o pais estava em crise e existia conflito entre o shogunato e Daimio essa época é chamada de Sengoku por causa das constantes guerras, houve muito derramando de sangue principalmente com o conhecimentos das pistolas, produto trazido pelos portugueses e que chamou muito a atenção dos japoneses. No trecho a seguir mostra como foi para o Japão esse primeiro contato.

Felizmente para o Japão, os portugueses, àquela época, já haviam perdido toda a influência política, mesmo nas regiões costeiras; nos tempos de Albuquerque, teriam pelo menos agravado a situação interna do Japão e ocupado algumas pequenas ilhas. (PANIKKAR, 1969, p.86)

Panikkar (1969, p.87) também afirmou que quando os portugueses chegaram trazendo navios carregados de armas tanto os Daimios como os Guerreiros do Oeste (Shogunato) viram isso como uma ajuda para derrotar o inimigo, por isso aceitaram com muita felicidade a chegada dos intrusos.

² Shogun é um termo na língua portuguesa para uma palavra de origem japonesa, que literalmente pela tradução de seu ideograma significa "comandante" e "exército". Usada para nominar os ditadores militares que governaram de forma hereditária, no período de 1192 até 1867.

³ Termo utilizado para denominar a pessoa que tinha mais poder, mais terras.

⁴ Momento de mil dias ocorrido no período Muramachi (1336 a 1573)

Sobre os portugueses Marc Ferro concorda com Panikkar e acrescenta que foi com eles a iniciação japonesa a armas de fogo, o que intensificou os conflitos já existente e termina afirmando que quem mais teve sucesso com isso foi Oda Nobunaga⁵ fazendo uso de espingarda porém seu sucessor Toyotomi Hideyoshi⁶ pois um fim a essas guerras.

Como pode ser analisado Ferro e Panikkar concordam sobre o papel de Portugal no Japão. Papel de iniciador a uso de armamentos de fogo, porém deve-se salientar que esses estudiosos acreditavam que essa visão era totalmente eurocentrista.

Essa visão eurocentrista consta na historia japonesa datada no ano 1543, Tema trabalhado por exemplo pelo historiador francês Marc Ferro.

Segundo a visão eurocentrista da história, o aparecimento de europeus no Japão marca o início de uma etapa de ampliação do mundo, e geralmente essa visão eurocentrista detém-se na data de 1543, quando ocorrem os primeiros "incidentes de navegação"; em seguida, afirma que o cristianismo é introduzido no Japão em meados do século XVI, por Francisco Xavier, e que isso acarreta problemas para o futuro e para a identidade da nação. (FERRO, 2008, p. 71)

Com essas palavras Marc Ferro faz uma critica a visão eurocentrista europeia que coloca o Japão como um objeto que esta tendo sua tradição destruída pelo contato Ocidental.

Dentro da temática eurocentrismo se cria o Orientalismo⁷, esse tema é abordado na obra de Said Orientalismo o Oriente como invenção do Ocidente onde ele relata sobre discurso de vários poderes ocidentais como Balfour e Cromer. Na primeira parte de sua obra ele fala o que é o orientalismo e como ele é representado pelo ocidente, logo, cria-se um sistema de espelhos onde o oriente é o negativo e o ocidente positivo, onde um se constrói a parti da criação do outro.

Said fala sobre a forma de dominação Britânica, onde eles dominam pois para eles os dominados não se conhecem. Exemplo a dominação do Egito, eles dominaram afirmando ensinar, logo, as pesquisas colocavam o conhecimento Britânico superior aos dos Egípcios e assim eles fizeram.

⁵ Oda Nobunaga (23 de junho de 1534 - 21 de junho de 1582) foi um grande daimio -líder do clã- no período Sengoku.

⁶ Toyotomi Hideyoshi, (2 de fevereiro de 1536 ou 26 de março de 1537 – 18 de setembro de 1598), foi um daimio do Período Sengoku que unificou o Japão. Sucessor de Oda Nobunaga, trazendo assim o fim do Período Sengoku.

⁷É um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica feita entre o 'Oriente' e o 'Ocidente'. (SAID, 2015, p. 29)

Said também relata sobre os jovens pesquisadores orientalista que vão atrás das belezas, alguns deles não quiseram retornar embriagados com as estatuas e simbologias dos locais ao quais iam estudar, enquanto outros ao chegar descobrem que não é bem como eles pensavam e retornam. Porém os orientalistas antigos iam sempre em busca da cultura exótica do Oriente.

O fato do Orientalismo de Said não englobar o "extremo oriente", e sim manter suas pesquisas no mais cômodo que seria o "oriente próximo" nasceu muitas teses sobre isso um deles foi escrito por Sasaki onde ele relata que Said só tinha olhos para os locais mais próximos da união da Inglaterra e a França e sendo colocado como um local para domínio do Ocidente.

Para Sasaki (2008) o Oriente assim como o Ocidente tem sua história e uma tradição e vocabulário particular. O Japão por exemplo não foi analisado por Said, mas Sasaki afirma que ele é um berço para o "anti-orientalista", pois rapidamente a teoria de Said ganhou espaço nas academias japonesas sendo recebida criando assim um sentimento de culpa pois assim como o Ocidente o Japão foi um país dominante.

A relação com os portugueses logo teve seu fim em 1587, foi proibida a cristianização que estava sendo realizada pelo padre Coelho⁸, pois os Daimios do Oeste estavam de olho nos estrangeiros e seus canhões, pois como foi colocado anteriormente o país tinha muitos conflitos por direito ao poder.

Hideioshi (...) no princípio estava tão desejoso quanto Nobunaga de manter relações amistosas com os portugueses e seus missionários, porém certos fatos o puseram de sobreaviso. Observou os canhões que os portugueses haviam instalado para proteger a missão; ao subir a bordo de um navio para visitar o Padre Coelho, constatou que esse pequeno barco carregava armamento pesado. Soube do interesse dos daimios do Oeste pelas armas e pelo equipamento dos portugueses; finalmente, ao ter conhecimento de que eles tentavam ganhar os estrangeiros para sua causa, não hesitou mais e, em 1587, as missões cristãs eram proibidas em todo o território japonês. (PANIKKAR, 1969, p. 87)

Durante o ano 1587 os espanhóis estavam nas Filipinas e com maior grupo de ilhas dominadas, O Japão tinha um comércio com as Filipinas de longa data e estavam para manter comércio com os espanhóis, porém ocorreu um acidente um comandante espanhol entrou em conflito com um daimio e conquistou a embarcação que antes o tinha salvo.

⁸ Celibatário português convocado para as expedições no Japão com o intuito de cristianizar a população.

Hideioshi ao saber do ocorrido mandou prender e crucificar todos os espanhóis, confirmando assim com Panikkar.

Entrementes, os espanhóis haviam-se estabelecido sòlidamente nas Filipinas e conquistado as principais ilhas. Ora , os japoneses mantinham de longa data relações comerciais com as Filipinas. Hideioshi, portanto, gostaria bastante de entabular negociações com os espanhóis, porém um incidente o impediu de fazê-lo. O comandante de um galeão espanhol que fôra lançado às coistas japonesas atirou à face do dáimio, que salvara sua embarcação e reclamava a carga, o poderio de Espanha e os feitos dos Conquistadores. Hiedioshi, já informado das proezas dos portugueses no Oriente. deu ordem para prender todos os espanhóis e mandou crucificá-los em Nagasaki como espiões. (PANIKKAR, 1969, p.87)

Ferro (2008, p.60-1) também relata em seus escritos que o Japão estava matando os portugueses pois eles queriam destruir sua religião, isso foi em fevereiro de 1614 com o decreto do Bakufu⁹ e após a expulsão dos portugueses inicia um sistema colonial japonês, esse sistema colonial japonês por sua vez teve início no norte com os Kamakura (século XIII), no século XIV e XV eles foram aumentando sua área de dominação aos poucos pela ilha Yesu e em 1604 iniciou-se o monopólio comercial no norte pela família Matsumae com apoio dos Tokugawa (clã dominante), mas só no século XVII que ele foi colocado em todo território japonês.

O único país europeu com relação comercial com o Japão era os holandeses desde 1641 porém com limite de área (ilhota de Deshima, na enseada de Nagasaki) afirma Chesneaux (1976, p.16).

Porém em 1880 ocorre uma mudança de planos, segundo Ferro (2008, p.128) houve uma mudança de "espírito" com o militar - primeiro ministro - Yamagata Aritomo com sua teoria dos círculos, onde cada ponto de comando que circula o Japão seja protegida de tudo que seja externo ao próprio Japão

Panikkar (1969, p.88) afirma que em anos de 1637 os shogunatos inicia uma política isolacionista para evitar sua própria destruição vindo de seus inimigos aliados aos estrangeiros e assim manter apenas um contato indireto para satisfazer pequenas necessidades como contato com armamentos de fogo.

Ferro (2008, p.119) relata que depois dos portugueses o próximo conflito seria no século XIX, onde o Japão mostra sua capacidade e modernização copiando o Ocidente.

⁹ Sistema político usado pelos Shoguns com finalidade de expulsar os estrangeiros do Japão.

Na segunda metade do século XIX chega ao Pacífico os Estados Unidos. Durante todos esses anos desde a fechada dos portões do comércio com exterior o Japão conseguiu manter longe países como Rússia e Inglaterra. Mas desta vez foi diferente segundo Panikkar (1969, p.203) os Estados Unidos chegou aos portões dos Japão em 8 de julho de 1853 com quatro (4) navios de guerra. O Comodoro Perry trazia uma carta do presidente Fillmore para o xógum com ameaças de destruição em massa se o pedido de abertura dos portões fosse negado.

Um grande número de nossos poderosos navios de guerra dirige-se para o Japão e são esperados nestes mares de um momento para outro; o infrafirmado, como prova de suas intenções amigáveis, trouxe consigo tão-somente quatro dos seus menores navios; mas está pronto, caso se torne necessário, a voltar a Iedo na primavera vindoura com uma força bem maior. (apud PANIKKAR, 1969, p. 203)

Logo em 31 de março de 1854 foi assinado um contrato em que constava a abertura de dois portos para o comércio com os americanos e permitia a instalação de representantes diplomáticos com os Estados Unidos, Grã-Bretanha, Rússia e a Holanda que por sua vez já tinha um comércio com o Japão.

Esse acontecimento causou muitos danos ao Japão, o imperador faleceu sem deixar herdeiro e em meio aos conflitos para a escolha do sucessor os Estados Unidos conseguiu mais domínio.

A posição do xógum viu-se enfraquecida, pois nobres e samurais e a própria corte imperial eram, quase unanimemente, hostis à abertura do país aos estrangeiros. Foi nesse momento crítico que o xógum, responsável pelos tratados, lesada, morreu sem deixar herdeiro varão. Os Estados Unidos aproveitaram-se das desordens da sucessão para formular novas exigências. (PANIKKAR, 1969, p. 203)

Panikkar cita os novos tratados solicitado pelos Estados Unidos e aceitos sem opção pelo Japão, Junho de 1857: Permissão a americanos de morarem nas cidades onde foram abertos os dois portos de comércio com os Estados Unidos. e em 29 de julho de 1858: Reconhecimento de extraterritorialidade¹⁰. Isso foi o resultado do tratado feito entre Shogun e os estados unidos, Rússia, Inglaterra e França denominado Tratado de amizade e comércio Anglo-Japonês, segundo Chesneaux (1976, p.29) esse tratado criou uma limitação dos direitos e de extraterritorialidade e permaneceu em vigor até o fim do século XIX.

Esses acontecimentos geraram muitas revoltas de parte da população, principalmente entre os mais velhos, que não aceitavam a presença de estrangeiros no país. O

¹⁰ Extraterritorialidade é uma lei que consiste na punição e defesa da pessoa que está fora do território de seu país.

Imperador se viu na necessidade de se isolar e analisar a situação, e então seguindo o lema "Reverenciar o trono, expulsar os estrangeiros" na data de 25 de junho de 1863 o imperador ordenou ao Shogum que expulsassem os estrangeiros. Porém isso causou um grande conflito.

A opinião esclarecida, influenciada por aqueles que voltavam das missões no estrangeiro, como Ito Hirobumi, o futuro príncipe Ito, acabara por compreender que as velhas idéias isolacionistas estavam dali por diante superadas, e que, decididamente, era necessário adotar uma nova política, se o Japão pretendesse ser capaz de resistir à dominação estrangeira. O conflito entre tradicionalistas e modernistas dividiu o país. Após esforçar-se sem sucesso para restabelecer sua autoridade, o xogunato se desmoronou, permitindo assim a instauração da Era Meiji (1868). (PANIKKAR, 1969, p. 204)

A Era Meiji foi o período de unificação, onde o império era dominado pelos jovens que foram estudar fora e se familiarizaram com o estrangeiros, foram mais de noventa anos onde cada vez mais era comum ver americanos no Japão agora tentando controlar a modernização que caminhava em direção ao nacionalismo. Esse foi um momento de fortalecimento para o Imperador e o fim prático do shogunato.

A Era Meiji apresentava -se como uma ruptura inequívoca com o xogunato e sua política; é curioso notar aliás, que os mais ardentes reformistas eram aqueles mesmos jovens que o xógum enviara para estudar no estrangeiro. Mas a côrte restaurada teve de apoiar-se, em grande parte, nos funcionários do Bakufu. Na verdade, a revolução não se dava no plano do poder imperial. A retomada do poder pelo imperador só adquiria importância na medida em que dava às fôrças de renovação uma maior liberdade de ação e permitia aos construtores do Japão abrigar-se por trás de uma autoridade inatacável. Os destruidores do xogunato, ornados assim do prestígio do imperador, conseguiram, mediante um trabalho prudente e organizado, libertar o Japão bem cedo das cadeias ocidentais. (PANIKKAR, 1969, p.205)

Hobsbawm (2011, p.201-2) afirma que o objetivo do plano de "ocidentalização", o Japão a partir da Restauração Meiji, não era ocidentalizar, mas sim tornar viável o Japão tradicional. Já para Chesneaux (1976, p.05) o processo de transformação (o *Meiji*) foi ao mesmo tempo japonês e de países externos (EUA), porém ele afirma que o Japão dos últimos Tokugawa é mais conhecido que qualquer outra sociedade tradicional da Ásia oriental da mesma época, ele também escreve que a restauração Meiji foi uma saída sem opção japonesa para se adequar aos ocidentais, pois após a chegada da esquadra do americano Perry a atitude japonesa de expulsar os "bárbaros" teve papel importante para a queda dos Shogun e a fácil dominação Ocidental.

A opinião esclarecida, influenciada por aqueles que voltavam das missões no estrangeiro, como Ito Hirobumi, o futuro príncipe Ito, acabara por compreender que as velhas idéias isolacionistas estavam dali por diante superadas, e que, decididamente, era necessário adotar uma nova política, se o Japão pretendesse ser capaz de resistir à dominação estrangeira. O conflito entre tradicionalistas e modernistas dividiu o país. Após esforçar-se sem sucesso para restabelecer sua autoridade, o xogunato se desmoronou, permitindo assim a instauração da Era Meiji (1868). (PANIKKAR, 1969, p. 204)

Segundo Panikkar (1969, p.205-6) na teoria a situação não era boa, Os americanos construíram colônias nas cidades, abriram mais portos e usavam de violência para ter privilégios.

O Japão [...] é um dos países mais fortes e mais poderosos do mundo; seu povo abandonou os velhos preconceitos e se pôs a aprender com o Ocidente, reformou sua administração, criou um exército e uma armada, organizou as finanças e tudo isto no espaço de 50 anos. (Sun IAT-SEN apud PANIKKAR, 1969, p. 277)

Em 1904-5 ocorreu uma guerra ocidente-oriental, Japão - Rússia com vitória oriental, segundo Ferro (2008, p.119) esses conflitos foram encerrados com o tratado de 1907, esses conflitos tiveram início em 1902 quando iniciou uma política ofensiva na Manchúria e China contra o império Russo.

1904 ocorreu o conflito Imperador-Czar por causa da posse da ferrovia transiberiana que vai até Porto Arthur que era de domínio japonês, Ferro (2008, p.122) afirma que alguns territórios japoneses colocavam em risco a ferrovia transiberiana que terminaria em Porto Arthur para evitar Vladivostok que fica bloqueada pelo gelo durante 1/3 do ano e o Czar estava disposto ao conflito pois considerava os japoneses inferiores eles eram como macacos e para o Czar esse conflito não seria nada, porém o ministro Witte¹¹ convenceu o Czar a não atacar sozinho e sim junto a tropas europeias com isso o Japão cedeu e abandonou Porto Arthur em 1895. Qual será a reação japonesa? A resposta veio em 1905 quando o Japão atacou as tropas russas e destruiu Porto Arthur, concluindo assim que Czar tinha subestimado o poder militar japonês e no fim após varias derrotas assinaram a paz de Portsmouth por intermédio dos Estados Unidos, assim a Rússia reconheceu o poder japonês sobre a Coréia, e Porto Arthur voltou a ser base japonesa. Esse ocorrido afetou consideravelmente o psicológico dos ocidentais chegando até em Madagascar na Africa afirma Ferro (2008, p.301).

¹¹ Ministro convidado pelo próprio Czar para negociar o fim da guerra Rússia - Japão. Logo ele era o braço direito para as decisões de combate.

Com a vitória do Japão sobre a Rússia o Japão conseguiu se ampliar anexando a parte sul de Salinas para si e a denominando Curilas, porém depois de alguns anos tem que cedê-las a Moscou por causa do tratado de San Francisco¹² em 1952.

Em 1930-1 o Japão decidiu iniciar uma política nacional-militarista deixando de lado o liberal-moderno(shogunato), assim ele desenvolveu uma economia capitalista não liberal que conseguiu um impressionante aumento de seu sistema industrial assim afirmou Hobsbawm (2011 p.115;134-5) e acrescenta que os japoneses tinham necessidade da pureza racial e tinham a certeza de sua superioridade, transcendidas pela suas crenças de autossacrifício, obediência a ordens, abnegação e estoicismo. Assim os exercito imperial teriam pegado para si o lema das SS¹³ de Hitler, tinham uma sociedade hierárquica rígida com dedicação a nação e ao imperador (divino), tendo assim rejeição ao lema Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

A igualdade racial foi uma proposta colocada pelo Japão na Conferência de Paz de Paris (1919) Segundo Shimizu (aput Sasaki 2008, p.167) essa proposta tinha para o Japão a forma de manter uma segurança pelo fatos dele ser a única potência não-branca, logo essa igualdade era uma condição importante dentro da sua relação com as grandes potências, porém essa proposta não foi aceita na Conferência de Paz de Paris causando assim uma desilusão no Japão dos anos 20.

Durante a Guerra da Europa¹⁴ o Japão participou com apenas uma finalidade torna-se o defensor da paz e ter poder nos comércios do Extremo-Oriente. Logo ele montou sua tática e começou a derrubar os inimigos assim conseguiu muitos direitos dentro da China e após isso ele foi diretamente aos Estados Unidos onde nasceu uma pequena discórdia por motivos da posse de terra da Manchúria e Mongólia Interior, Hobsbawm fala que a Inglaterra concordou com a entrada do Japão na guerra a contragosto, porque as intenções japonesas lhe inquietavam. A Inglaterra queria que o Japão se focasse na sua missão de abater os navios da China e os militares Alemães e após isso não seguir para o sul atrás de recompensas.

Afirma Panikkar que ao chegar o fim da primeira guerra mundial o Japão tinha parte na Conferência de Versalhes, era considerado uma grande potência junto a Inglaterra, França, Estados Unidos. Porém o sonho acabou durante as conferencias todas as reivindicações colocadas pelo Japão eram automaticamente negadas pelos Estados Unidos que desde a guerra desconfiava. Sasaki (2008 p. 168-9) relata que a pureza racial japonesa nasceu após uma

¹² Conhecido de Tratado de paz com Japão foi um documento assinado por 48 nações em São Francisco, Califórnia no ano de 1952.

¹³ SS era a guarda pessoal de Hitler durante a segunda guerra que tinha como lema "Minha honra é a Lealdade"

¹⁴Primeira guerra mundial (1914-1918)

negativa na proposta de igualdade racial na conferência de paz em Paris, essa insegurança levou o Japão para um lado mais extremistas mudando assim sua ideologia racial.

Até que em 1936 Os militares japoneses decidiram "restaura o imperador" se desligando assim totalmente dos Estados Unidos e assim o imperador Seiyukai retornou ao poder criando em seguida um novo programa de política japonesa.

Em 1939 iniciou-se a segunda guerra mundial, ele diferente da primeira foi literalmente mundial todos os países foram envolvidos e no final os Estados Unidos destruiu duas cidades japonesas Hiroshima e Nagasaki.

Incomparável e Decisivo foram esses os termos utilizados por Ferro(2008, p.301) para falar sobre o comportamento japoneses durante a segunda guerra. O Japão unido a Alemanha Nazista fizeram muitos massacres. Ferro fala sobre as humilhações sofridas pelo Ocidente com a vitória do Japão, ele relata sobre a Marcha da Morte que ocorreu nas Filipinas em 1941 onde os prisioneiros norte-americanos morriam de exaustão na frente de "espectadores condoídos". E sobre o sofrimento Frances em solo indochinês onde os prisioneiros ficavam em jaulas de menos de um metro cúbico.

Ferro(2008, p.302) relata sobre duas características japonesas durante a segunda guerra. Primeiro, pôr a colônia a serviço da guerra e dos interesses exclusivos da economia japonesa; Segundo, promover uma integração militar e econômica que liquidava com as esperanças de independência acalentadas pelos povos colonizados, principalmente pelos indonésios que haviam acolhido os japoneses como libertadores. Diferente dos ocidentais, os nipônicos foram muito atentos à gestão meticulosa de todas as possessões que ocuparam.

Sasaki(2008,p.172-188) relata sobre a Esfera da Co-Prosperidade que foi desenvolvida a partir da necessidade de abraçar todos os mundos culturais que o país dominava. Inicialmente existia o *dōbun dōshu* que significava cultura comum, raça comum esse termo usado antes da esfera pois o Japão só dominava áreas vizinhas, mas no momento em que se expandiu para áreas mais distantes na Ásia houve uma necessidade de algo maior nascendo assim a Esfera da Co-Prosperidade em 1942. A economia teve um papel importante após o anúncio da esfera pois o Japão mantinha interesses no petróleo das Índias Orientais (Indonésia) e na borracha da Indochina (Vietnã) para manter suas indústrias na China, o comércio de matéria prima entre o Japão e outros países era extremamente restrito a mando das nações ocidentais, logo com a esfera da Co-Prosperidade os países aliados tornavam-se mercados exportadores para o Japão e terras para sua população. Os líderes japoneses faziam uso da esfera de forma a expandir sua

visão 'Ásia para os Asiáticos' para todos os países que estavam dentro, criando assim grupos de líderes locais em busca de sua independência sobre os países ocidentais, porém logo foi-se notado o real objetivo japonês quando foi iniciado o programa de japonização que tinha o objetivo de transformar a população dos países de dentro da esfera em japoneses de espírito não tendo nenhuma consideração por suas crenças locais. Isso levou o país a uma doutrina e política colonial incapaz de criar um império para eles e para os colonizados.

Hobsbawm(2011, p.43) acrescenta que nenhum estudioso em plena consciência duvidou que os agressores da segunda guerra era Alemanha, Japão e Itália. Ele afirma também que no Ocidente, após o fim da guerra, poucos se preocuparam seriamente com o retorno a *status* de grande potência da Alemanha e Japão, armados, porém sem armas nucleares, sendo que eles eram, membros subordinados da aliança americana.

Os momentos mais impactantes do início da segunda guerra foi a dominação da Manchúria pelo Japão em 1931, Etiópia pela Itália em 1935, Áustria pela Alemanha em 1938 e Tchecoslováquia pela Alemanha também em 1938 além do envolvimento da Alemanha e Itália no conflito Civil na Espanha em 1936-9 e pedidos alemães à Polônia segundo Hobsbawm.

As colônias japonesas foram bastante desenvolvidas mais do que as ocidentais, segundo Hobsbawm o Japão levantou indústrias pesadas na Coreia e em 1931 na Manchúria e Taiwan porque essas colônias eram ricas em recursos e próximas da pátria que por sua vez era pobre de matéria-prima.

As colônias japonesas estavam dentro do sistema da esfera, logo se mantiveram unidas ao Japão enquanto lhe era favorável e segundo Hobsbawm quando a derrota era eminente as colônias japonesas se viraram contra o Japão.

Quando o Japão viu que a derrota era eminente já era tarde, os países da esfera Co-Prosperidade se rebelaram e Japão não teve outra alternativa, Ferro relata sobre a última ação japonesa antes da derrota em 1945, eles proclamaram a independência das suas colônias europeias e fizeram a conferência de Tóquio em 1943.

Sobre o conflito Japão-EUA era algo inevitável pois o Japão estava se expandindo se demonstrando uma possível ameaça aos Estados Unidos, logo os americanos tiveram a decisão de destronar o Japão agora enquanto é cedo para que depois não seja tarde demais, Hobsbawm tem essa mesma visão de que era inevitável pois o Japão tinha o objetivo de estabelecer um poderoso império econômico, que era foco de sua política.

Sobre as bombas em Hiroxima e Nagasaki, existe varias formas de explicar essa ação americana para eles era uma forma de salvar seus soldados que estavam no país inimigo, para o Japão foi uma ação sem piedade pois o Imperador ja tinha decidido se render e Hobsbawm relata a opinião dos EUA elas não eram essenciais, mas apenas um meio de salvar seus soldados que estavam em solo japonês.

E assim teve o fim da segunda guerra mundial no fim muitos países ocidentais vieram ajudar os países que estavam em ruínas e em espacial o Japão que agora estava dependendo dos Estados Unidos. E Hobsbawm passa isso em seus relatos do fim da guerra e também afirma que teve industrialização sustentadas, supervisionadas, orientadas e algumas até planejadas e administradas por governos da França e Espanha na Europa a Japão, Cingapura e Coreia do Sul.

É nesse contexto de enfrentamento entre Japão e Ocidente, especialmente os Estados Unidos, que vamos analisar a construção de uma visão sobre o Japão por parte da antropóloga estadunidense Ruth Benedict. Além disso, vamos contrapor a ideia de Japão como inimigo valoroso, construída a partir de fora para subsidiar decisões militares por parte do comando estadunidense, com uma visão do historiador japonês Yoshikuni Igarashi, que escreveu sobre seu país a partir das memórias do pós-guerra.

2 JAPÃO X OLHAR AMERICANO.

Durante a segunda guerra o governo dos EUA convocou uma antropóloga para estudar o país inimigo para ter vantagem na guerra, essa antropóloga era Ruth Benedict. Nascida em Nova Iorque no ano de 1887; formada pela Universidade de Columbia em 1919, tendo como professor o antropólogo Franz Boas muito conhecido como "pai da antropologia americana"; ela tem como linha de pesquisa a antropologia urbana; escreveu alguns livros como *Padrões de Cultura*(1934)¹⁵, essa pesquisa foi feita com base em outros livros que estudavam o comportamento japonês juntamente com entrevistas a japoneses que estavam a morar nos Estados Unidos nos anos 40. Nessa pesquisa ela pegou o Japão fixo que a força americana conhecia e aprofundou seus conhecimentos essa pesquisa depois se tornou um livro denominado *O Crisântemo e a Espada* escrito e publicado em 1946, nesse trabalho ela relata:

Os japoneses foram os inimigos mais hostis jamais enfrentados pelos Estados Unidos numa guerra total. Em nenhuma outra guerra travada contra um adversário poderoso fora necessário levar em consideração hábitos tão extremadamente diversos de agir e de pensar. (BENEDICT, 2011, p. 9)

Nele ela coloca a diferença do Japão para qualquer outro país e a necessidade de entender seus hábitos para uma ação mais positiva para o EUA dentro da segunda guerra mundial e ela só fez essa pesquisa com esse contexto porque ocorreu um pedido dos militares americanos que buscavam conhecimento sobre o país inimigo e ao conhecer seus costumes conseguiriam ter uma manobra de ataque e defesa favorável.

No início da guerra não existia um conflito direto Japão x EUA, porém após a dominação da Manchúria esse conflito já era inevitável, pois o Japão buscava mais poder, domínio geográfico, expansão e isso é uma ação que afetava os interesses comerciais e estratégicos dos EUA no Pacífico. Benedict (2011, p.10) relata em seu trabalho a dificuldade de estudar um povo sem poder ter contato direto com eles, ela afirma em seu trabalho que mesmo com muito tempo da aberturas dos portos japoneses para os ocidentais eles continuavam sendo tachados de "mas também" termo nunca utilizado para as outras nações e critica o fato de "observadores sérios" ao escrever sobre os japoneses denominando-os cortesões ao extremo porém "insolentes e autoritários". E recoloca:

¹⁵ Livro da antropóloga Ruth Benedict datado de 1934 tendo como objetivo a análise de comportamento social de três grupos os zunhis do sudoeste dos Estados Unidos, os kwakiutl do oeste do Canadá e os dobuanos da Melanésia e colocar em pauta todas as diferenças entre esses grupos.

Quando escrever um livro sobre uma nação onde vigora um culto popular de esteticismo, que confere honrarias a atores e artistas, esbanjando arte no cultivo de crisântemos, tal obra não terá de ser completada por uma outra, dedicada ao culto da espada e a ascendência máxima do guerreiro. (BENEDICT, 2011, p. 10)

O fato dos países estarem em guerra acarretava muitas desvantagens, Benedict teria que abrir mão da etnografia e manter sua pesquisa com livros teóricos e diálogos com japoneses que ali viviam - EUA - , o livro sobre uma aldeia japonesa denominado *Suye Mura*, de John Embree¹⁶ era o único existente para a auxiliar na pesquisa porém Benedict (2011, p.13) sabe que o muitas propostas e regras do Japão de 1944 não existia na época daquele livro. Ela teve apoio das bibliotecas e de japoneses criados no Japão que agora viviam nos EUA para iniciar sua pesquisa, ela tinha consciência que nesse momento não poderia romantizar, não há espaço para isso, pois a visão deve ser de soldados japoneses. Essa visão é explicada pela própria Benedict no trecho a seguir.

Os japoneses são, no mais alto grau, agressivos e amáveis, militaristas e estetas, insolentes e cortes, rígidos e maleáveis, submissos e rancorosos, leais e traiçoeiros, valentes e tímidos, conservadores e abertos aos novos costumes. Preocupam-se muito com o que os outros possam pensar de sua conduta, sendo também acometidos de sentimento de culpa quando os demais nada sabem do seu deslize. Seus soldados são disciplinados ao extremo, porém, são igualmente insubordinados. (BENEDICT, 2011, p. 10-11)

Sobre a cultura Benedict(2011, p.25) afirma que existe em suma uma doutrina de guerra que é dividida entre os países ocidentais, nesse momento excluindo suas diferenças. Para um estudo de comportamento, teria que ser removido qualquer desvio de caráter, pois:

Dentro dos propósitos de um estudo sistemático da cultura e conduta japonesas , não importa se os seus desvios de nossas ortodoxias seriam ou não cruciais em sentido militar; qualquer um deles poderia ser importante por suscitar indagações acerca do caráter dos japoneses, cujas respostas necessitávamos. (BENEDICT, 2011, p. 26)

Benedict(2011, p.26) afirma e deixa claro que os motivos de estar dentro da guerra eram opostos, pois o Japão via a "situação internacional de maneira diversa". Os japoneses acreditam numa liberdade onde eles se colocam como donos de sua própria vontade e que tudo era produto de sua determinação, força de vontade, ninguém está sobre ele afirma Benedict(2011, p.31)

¹⁶ John Embree (1908 - 1950) antropólogo americano, o seu livro *Suye Mura* foi publicado em 1939 pela University of Chicago Press.

Os japoneses vivem de forma totalmente planejada, logo, a maior ameaça para eles seria algo não previsto afirma Benedict(2011, p.32). Com esse modo de vida, os japoneses seguiam seriamente sua rotina diária, principalmente durante conflitos civis e na guerra tudo era planejado e desenvolvido com cautela para que não ocorra imprevisto.

O Imperador, o homem que contem mais poder para os japoneses aquele que de nada tem culpa, muitos guerreiros capturados na guerra ao serem questionados afirmavam cumprir desejos do Imperador, até aqueles que não aceitavam o plano de conquista afirmavam que sua vontade era o do imperador, logo a vontade do Imperador era a vontade do povo, se um soldado quer a guerra ele vai afirmar em seu discurso como vontade do imperador, assim como um camponês afirmar o desejo do Imperador ao fim da mesma, a partir desses relatos pode-se criar uma visão de obediência extrema a uma pessoa nesse caso a pessoa que mandava era o Imperador. Benedict(2011, p.34) relata que os soldados japoneses que era capturados durante as sessões de tortura para conseguir informações, apenas afirmavam que seguiam ordens do Imperador.

Os japoneses viam tudo numa mesma perspectiva tanto problemas internacionais quanto internos. Na ultima década o Japão atingiu o topo da pirâmide¹⁷,e dentro da hierarquia japonesa essa conquista é bem aceita. Sua relação internacional ganha mais peso e assim abre espaço para mais e mais acordos com outros países coloca Benedict (2011, p. 44).

O preâmbulo ao *PACTO TRÍPLICE* com a Alemanha e a Itália, que o Japão assinou em 1940, reza: “Os governos do Japão, Alemanha e Itália consideram como condição precedente a toda paz duradoura que a todas as nações seja dada a sua posição devida ...” e o *EDITO IMPERIAL* exarado por ocasião da assinatura do Pacto dizia de novo a mesma coisa:

"Promover a nossa integridade pela terra inteira e fazer do mundo uma única família constitui a grande injunção que nos legaram nossos Antepassados Imperiais e nisso nos empenhamos dia e noite. Na extraordinária crise com que se defronta atualmente o mundo, segundo se afigura, a guerra e a confusão serão interminavelmente agravadas e a Humanidade sofrera desastres incalculáveis. Esperamos fervorosamente que os distúrbios cessem e a paz seja restabelecida o mais cedo possível ... Muito nos alegramos, portanto, que este pacto tenha sido firmado entre os Três Poderes.

¹⁷ Pirâmide dos países, onde se ver qual país tem mais poder de domínio.

A tarefa de permitir a cada nação encontrar o seu devido lugar e todos os indivíduos viverem em paz e segurança e da maior magnitude. Não tem paralelo na história. Este objetivo ainda se encontra bem distante ..." (BENEDICT, 2011, p. 44)

A igualdade japonesa é algo natural entre os seus, assim toda relação social ocorria na base de que "todos são iguais". Para os americanos era apenas um comportamento hierárquico, eles não a exigiam nem ofereciam aos outros. Os americanos gostavam de afirmar que não devem nada a ninguém Benedict (2011, p.46). Mesmo os japoneses tendo esse comportamento para os Americanos isso é apenas o vício de comportamento é algo que já esta enraizada na população que fica de forma automática sem importar se estão dando ou oferecendo.

Aqueles americanos confiavam acima de tudo na igualdade; na pratica, observou ele [Alexis de Tocqueville, escrevendo sobre os Estados Unidos recém-independentes no fim do século XVIII], ate mesmo a liberdade deixavam fugir pela janela, enquanto olhavam para o outro lado. Mas viviam em pé de igualdade. (BENEDICT, 2011, p. 46)

Com discurso de Tocqueville notamos uma divergência, o Japão é o inverso dos Estados Unidos fazendo com que é o discurso fundador americano não seja nada para o Japão assim como o comportamento diferenciado do Japão causa duvidas e questionamento americano.

Mesmo com a ocidentalização o comportamento da população japonesa não mudou, cada ação vai causar uma reação. Benedict lança um exemplo com foco em que pequenas coisas podem causar grandes conflitos:

Todo esse procedimento é governado por regras e convenções meticulosas; não é apenas necessário saber a quem é feita a mesura, como também a sua frequência. Uma mesura correta e apropriada para um anfitrião seria considerada como um insulto por outro em relação ligeiramente diversa com o convidado. E as medidas classificam-se de varias maneiras, desde ajoelhar abaixando a testa ate as mãos espalmadas no solo ate o mero inclinar da cabeça e dos ombros. É preciso aprender, e bem cedo, como harmonizar a reverencia com cada caso particular. (BENEDICT, 2011, p. 47)

A diferenciação de classe se inicia no berço. Seu comportamento vai variar a partir desses "itens" como sexo, idade, família e relação é o afirma Benedict do trecho a seguir, porém isso é natural de todos os países o problema é que quando se olha para algo novo não conseguimos notar de antmão o que igual ou no mínimo parecido dentro do nosso próprio comportamento.

Não se trata apenas de diferenças de classe que devem ser reconhecidas constantemente pela conduta apropriada, embora isto também seja importante. Sexo e idade, laços de família e relações anteriores, tudo passa a fazer parte dos cálculos necessários. (BENEDICT, 2011, p. 47)

A "hierarquia" é uma arte onde mediante a situação pode anular a outra ou até acumular, exemplo no Japão um primogênito homem é mais aceito que uma mulher. Nos EUA existe pouca cerimônia sobre isso. Segundo Benedict:

Nos Estados Unidos estas pessoas são as do círculo familiar de cada um. Desfazemo-nos das menores formalidades de nossa etiqueta quando chegamos em casa e entramos no seio da nossa família. No Japão, é precisamente na família que são aprendidas e meticulosamente observadas as regras de respeito. Enquanto a mãe ainda leva o bebê preso às costas, empurra-lhe a cabeça para baixo com a mão e suas primeiras lições consistem na observância de um procedimento respeitoso com relação ao pai ou ao irmão mais velho. A esposa inclina-se diante do marido; a criança, diante do pai; os irmãos mais jovens, diante dos mais velhos e a irmã, diante de todos os irmãos, qualquer que seja sua idade. Não se trata de um gesto vazio. Aquele que se inclina reconhece o direito do outro de interferir em assuntos sobre os quais ele próprio preferiria decidir e o que recebe a saudação assume, por seu turno, certas responsabilidades relativas à sua posição. A hierarquia baseada no sexo, geração e primogenitura constitui parte da vida familiar. (BENEDICT, 2011, p. 47-48)

Novamente a visão americana para o Japão se torna precipitada no momento que não sabe perceber as igualdades no comportamento japonês e americano, Benedict relata no trecho acima como é a relação japonesa e a diferença entre família e sociedade, porém ela se esquece que em seu país é da mesma forma existe o círculo familiar e existe o círculo de sociedade só mostra o quanto os americanos se preocupam em ser superior fazendo com que qualquer coisa vinda ou representada pelo Japão seja algo deturpado.

No Japão existe clãs¹⁸ em seu livro Benedict(2011, p.49) afirma que pessoas que saem do seu clã não são abandonadas, no clã existe documentos que a cada década são atualizados para divulgação de quem tem o direito de seus privilégios. O que importava para o Japão era de que clã a pessoa era por que "os vínculos de um homem era com seu feudo". Para Benedict o Clã é a família, e o Feudo é o local onde vivem, ou seja uma pessoa pode abandonar sua família e se unir a outra porém ele nunca deixará de ser um mandado de sua terra, é como ocorria no velho oeste, quando um cowboy vem de outra cidade ele sempre é denominado forasteiro pois ele só será aceito em sua totalidade na sua terra natal.

No Japão existe o devotamento aos antepassados um culto realizado num pequeno altar localizado na sala de estar, para até sete mortos recentes. Esse costume é realizado por todos os japoneses não importa a classe. Existe também o "devotamento filial" que por causa da ocidentalização vai perdendo espaço nas famílias japonesas.

O culto devido aos ancestrais é prestado num altar bastante diferente na sala de estar da família, onde apenas seis ou sete mortos recentes são reverenciados. No Japão, em todas as classes é prestado o culto diário perante este altar, sendo preparado alimento para os pais, avós e parentes próximos relembrados em carne e osso, representados no altar por pequenos túmulos. Mesmo no cemitério, as lápides nas sepulturas de bisavós não mais são refeitas e até mesmo a identidade da terceira geração ancestral mergulha rapidamente no esquecimento. Os laços familiares são

¹⁸ Grupo de pessoas unidas por parentesco e linhagem e que é definido pela descendência de um ancestral comum.

reduzidos gradualmente no Japão a proporções ocidentais, com o equivalente mais próximo na família francesa.

O "devotamento filial" no Japão, portanto, é uma questão circunscrita a uma limitada família convivente. Consiste em assumir a devida posição de cada um, de acordo com a geração, o sexo e a idade, no seio de um grupo que inclui pouco mais do que o pai e o pai do pai de cada um, assim como seus irmãos e descendentes. (BENEDICT, 2011, p. 50)

Entre o Japão e EUA existe uma grande diferença que é a ênfase da mulher na sociedade, nada importa nasceu mulher será inferior e submissa ao pai, irmãos e ao futuro esposo.

Qualquer que seja a idade, a posição de cada um na hierarquia depende do fato de ser homem ou mulher. A mulher japonesa caminha atrás do marido e tem uma posição inferior. Até mesmo as mulheres que em certas ocasiões, ao usarem roupas ocidentais, caminham ao seu lado e precedem-no ao passar por uma porta, voltam para a retaguarda, uma vez envergado o quimono. A filha de família japonesa deverá proceder da melhor maneira possível, ao passo que os presentes, as atenções e o dinheiro para a educação são para os irmãos. Mesmo quando se criam escolas mais adiantadas para moças, os cursos eram acumulados de instruções sobre etiqueta e movimento corporal. O treinamento intelectual sério não se equiparava ao dos rapazes, sendo que o diretor de uma dessas escolas, ao pleitear para as suas estudantes de classe média superior alguma instrução em idiomas europeus, fundamentava a sua recomendação na convivência das mesmas saberem recolocar os livros de seus maridos de cabeça para cima nas estantes, depois de retirada a poeira. (BENEDICT, 2011, p. 51-52)

Sobre a submissão feminina, pode se observar até entre familiares, essa é a forma de criação e educação familiar dentro do Japão.

O pai ou o irmão mais velho é responsável pela casa, quer os seus membros estejam vivos, mortos, ou ainda por nascer. Deverá assumir graves decisões e cuidar que elas sejam cumpridas. Entretanto, não dispõe de autoridade incondicional. Deverá agir responsabilmente pela honradez da casa. Lembrará ao filho e ao irmão mais jovem o legado da família, tanto de coisas materiais, quanto de espirituais, exortando-os a que deles se façam merecedores. Ainda que seja um camponês, invocará *noblesse oblige* aos antepassados da família e, se pertencer a classes mais elevadas, o peso da responsabilidade pela casa torna-se cada vez mais acentuado. As exigências familiares precedem as individuais. (BENEDICT, 2011, p. 52)

Esse comportamento vem desde a criação, no lar, dentro dos costumes familiar.

Os japoneses não aprendem em seus lares a dar valor à autoridade arbitrária, como também não é cultivado o hábito de submeter-se facilmente a ela. A submissão à vontade da família efetua-se em nome de um valor supremo para o qual todos se voltam, conquanto opressivas suas exigências. Ela se processa em nome da lealdade geral.

Todo japonês primeiro adquire o hábito da hierarquia no seio da família e posteriormente os aplica nos campos mais vastos da vida econômica e do governo. Aprende que uma pessoa dedica toda deferência aos que sobre ela tem precedência, numa "devida posição" determinada, sejam ou não eles os realmente dominantes no grupo. (BENEDICT, 2011, p. 53)

O Japão se baseou na organização social chinesa para se planejar, porém não ficou idêntico, pois existia muitos feudos que ficavam constantemente em conflito, e existe também o

Imperador escolhido secularmente na China enquanto no Japão é a partir da descendência, e tudo que girava em torno como as cortes.

Entretanto, desde o início, o Japão não conseguiu reproduzir a organização social chinesa sem castas. Os títulos oficiais adotados pelo Japão eram dados na China a administradores que haviam passado pelos exames do Estado, ao passo que no Japão eram conferidos a nobres hereditários e senhores feudais. Tornaram-se parte das disposições de casta dos japoneses. O Japão era constituído de grande número de feudos cujos senhores mostravam-se constantemente invejosos dos poderes uns dos outros, sendo importantes as disposições sociais referentes às prerrogativas de senhores, vassallos e dependentes. Por mais que o Japão assiduamente importasse civilização da China, era incapaz de adotar modos de vida que substituíssem a sua hierarquia por alguma coisa que se assemelhasse à burocracia administrativa da China ou o seu sistema de extensos clãs que reuniam gente das mais diferentes condições sociais. Tampouco adotava o Japão a idéia chinesa de um imperador secular. A designação japonesa da Casa Imperial é a de "Aqueles que habitam acima das nuvens" e somente pessoas dessa família podem ser imperadores. O Japão jamais teve mudanças de dinastia tão amiúde quanto a China. O Imperador era inviolável e a sua pessoa era sagrada. Os Imperadores japoneses e as suas cortes, que introduziram a cultura chinesa no Japão, sem dúvida nem sequer imaginavam quais eram as disposições chinesas em tais assuntos, nem adivinhavam as mudanças que eles operavam. (BENEDICT, 2011, p. 55)

Fim do feudalismo, que não era opção para o clã Tokugawa¹⁹, logo seu líder fechou os portões do Japão, derrubando assim os comerciantes. Nesse tempo de isolamento dentro do Japão existia os samurais, fazendeiros, artesões e os comerciantes.:

Uma classe de comerciantes é sempre demolidora do feudalismo. Quando os Tokugawa, através das mais drásticas leis jamais aplicadas por qualquer país, decretaram o isolamento do Japão no século XVII, tiraram o solo debaixo dos pés dos comerciantes. (BENEDICT, 2011, p. 58)

Durante o século XVII ocorreu uma grande modificação no grupo dos samurais no início eles eram do shogunato e se mantinham afastados do contato com outros grupos, porém com a chegada dos grupos ocidentais (Portugal, Espanha) causando algumas mudanças como a cristianização e uso de armas de fogo, porém isso não durou muito pois logo o líder Tokugawa mandou todos se retirarem e matou todos os cristianizados, depois de um tempo com os portos fechados teve a chegada dos Estados Unidos que obrigou a abertura dos portos e o início do comércio isso causou uma grande modificação nos samurais que deixaram de ser guerreiros para serem administradores e com o tempo perderam até o poder de posse de armas brancas.

Durante o Período Tokugawa os dependentes samurais não eram meros manejadores de espada. Tornavam-se cada vez administradores das propriedades de seus senhores e especialistas em artes pacíficas, como o drama clássico e a cerimônia do chá. Todo o protocolo caía na sua esfera e as intrigas do daimio eram consumadas através de suas hábeis manobras. Duzentos anos de paz constituem um longo período e o simples manejo da espada tinha seus limites. Assim como os negociantes, a despeito dos regulamentos de casta, desenvolviam um sistema de vida que atribuía posição de

¹⁹ Clã que estava no poder na época.

destaque a atividades cortesãs, artísticas e agradáveis, os samurais puderam desenvolver as artes de paz, além, é claro, da prontidão das espadas. (BENEDICT, 2011, p. 60)

No Japão o exército era o nivelador de classes e era formado em maior parte pela população. E sobre indústria ele cresceu como um ocidental, porém eles não iniciaram com produtos de indústrias pesadas e sim com as indústrias leves. Nos anos 30 (trinta), 53% (cinquenta e três por cento) dos industriários trabalhavam em oficinas e casas com menos de cinco operários.

Benedict(2011, p.160) também toma parte sobre o comportamento social do japonês e afirma que ele não é moralista sobre os prazeres "auto-eróticos":

Beber o *sake* constitui um prazer que nenhum homem de posse de suas faculdades negaria a si próprio. Por outro lado, o álcool figura entre as distrações menos importantes e nenhum homem de posse de suas faculdades se deixaria, tampouco, dominar-se por ele. (BENEDICT, 2011, p. 160-1)

Ela também confirma que os mais tradicionais não misturam bebida com comida. Existe um comportamento diferenciado do japonês ao consumo de bebida alcoólica.

Beber em companhia masculina, especialmente com assistência de gueixas, é uma satisfação das mais apreciadas. Relaxam as suas atitudes formais após pequenas doses de *sake* e gostam de se apoiar uns nos outros, com maior intimidade. Raramente se mostram violentos ou agressivos quando embriagados, embora os mais intratáveis possam tornar-se belicosos. (BENEDICT, 2011, p.239)

Mesmo com essa visão que os americanos adquiriram dos japoneses pela antropóloga Benedict isso não é tudo. No livro *Corpos da Memória* do historiador Yoshikuni Igarashi iremos nos aprofundar no comportamento social japonês pós-guerra.

Como nação, o Japão sobreviveu a derrota devastadora em 1945 ao reinventar a si mesmo como uma nação pacífica que obteve prosperidade econômica nas décadas seguintes. Ainda que o processo de recuperação e a construção de um novo Japão não tenham sido fáceis: memórias da perda assombraram a sociedade do pós-guerra. (IGARASHI, 2011, p. 43)

A forma como ocorreu o fim da guerra para o Japão foi como uma novela, a moça sendo salva pelo herói. Os Estados Unidos se uniu ao Japão para ajuda-lo a se recompor.

O ponto de vista predominante entre os americanos é que o uso da bomba foi justificado e que a bomba trouxe a paz. Muitos japoneses, argumentam que a bomba foi uma arma cruel que não deveria ter sido usada nunca: a paz poderia ter sido alcançada sem isso. (IGARASHI, 2011, p. 58)

O japonês vivem em decorrência de sua honra, chegavam até se matarem em ritos para se livrar da desonra que causou, após a guerra eles se colocaram como desonrados e alguns acordavam o primeiro dia pós guerra como nada tivesse ocorrido já para não sentir o gosto. Famílias que perderam seus filhos na guerra não falam sobre o assunto em alguns casos chegaram a lacrar o local onde ficava o quarto do jovem. Podemos assim afirmar que Benedict

estava certa em falar que os japoneses tinham uma honra que estava acima de tudo ou que a visão de Benedict sobre o Japão foi tão forte e influente que convenceu inclusive parte dos japoneses que vieram depois, e estudaram em universidades reformadas segundo modelos estadunidenses, onde a bibliografia em inglês era altamente reputada.

(...) os fragmentos remontados do passado revelam, as fissuras e os pedaços perdidos; e as rachaduras e os pedaços ausentes são indispensáveis para o entendimento do passado. "Para que o trauma do presente possa ter sentido", é preciso compreender como a perda traumática no passado define o presente. A sociedade japonesa mitigou, sucessivamente, a perda devastadora sofrida com a guerra - ainda que as memórias da perda fossem fundamentais para a construção da identidade cultural japonesa no pós-guerra. (IGARASHI, 2011, p.32)

No pós-guerra onde americanos andavam pela cidade com pistolas na cintura, para demonstrar sua superioridade e motivos por terem vencido a guerra. Eles tratavam os japoneses como pobres inferiores.

Para Magoroku Ide, as memórias de seu primeiro encontro com pracinhas americanos estão embrulhadas em imagens homoeróticas evocadas pela corporalidade dos vitoriosos: "Os pracinhas dirigindo alguns jipes e quase desarmados, exceto por um pistola que cada um deles tinha, e eles jogavam doces dos bolsos de trás de suas calças para garotos magrelos e ranhentos parados na rua. Eu ouvi até um misterioso cantarolar. Que foi o primeiro jazz que já tinha ouvido. As nádegas avantajadas que saltitavam a cada movimento ritmado - este era o corpo que revelava a vitória". (Ide, SEGOSHI-JŌ, p. 20 input IGARASHI, 2011, p. 92)

Com a chegada dos americanos veio o medo, muitas mulheres eram escondidas ou eram avisadas para sair do local que vive para não ser agredida. Japoneses escondiam bens de valor como joias para não ser roubados, esse adiantamento de pensamento sobre a futura relação é realizada regada de preconceito.

Imediatamente depois da derrota, muitos japoneses anteciparam seus possíveis contatos com os recém-chegados americanos em termos sexuais: as japonesas corriam perigo de serem violentadas pelas tropas americanas. As pessoas escondiam objetos de valor e jovens, e alguns governos municipais encorajavam as mulheres a deixar as áreas urbanas. (IGARASHI, 2011, p. 97-8)

A destruição causada na guerra trouxe a dificuldade de encontrar alimento, logo os mercados negro era o único lugar que tinha alimento. Esse espaço começou a ser muito frequentado e foi onde nasceu os primeiros textos eróticos japoneses.

Com a derrota do Japão, a rígida prática de controle homogêneo do governo no período da guerra entrou em colapso, dando origem a um senso de libertação no período imediato ao pós-guerra. Os mercados negros que surgiram nas ruínas das cidades converteram-se em locais privilegiados para tais celebrações, virando lugares aonde muitos escritores japoneses daquela época descobriram a energia sem amarras e sexual dos corpos japoneses. (IGARASHI, 2011, p. 123)

Mesmo com toda tragédia os japoneses conseguem ver o copo meio cheio, com o fim da guerra tendo que viver em meio a destroços eles ainda encontram uma forma de se renovarem.

Fumiko Totsuka, que trabalhava como editora de revistas, teve uma "festa selvagem" com seus colegas de trabalho em um restaurante em Nagano, um local onde se encontravam fora do expediente de sua empresa. Eles acenderam todas as luzes, cantaram todas as músicas de jazz que conheciam e beberam. Por sentir-se firme e desesperada, ela deixou sua posição clara ao usar um vestido e um batom vermelhos, itens de luxo proibidos durante a guerra. (SHIGERU HAYASHI, p.85 input IGARASHI, 2011, p. 135)

A falta de comida era tão grande que alguns com menor situação financeira começaram a fazer pequenos furtos, somente de alimentos frutas e legumes.

Até mesmo Nosaka começou, a praticar roubos insignificantes para se alimentar. também aprendendo a ruminar a comida no estômago. Estando ou não na beira de morrer de fome, comer converteu-se em uma obsessão causada por um medo severo. (IGARASHI, 2011, p. 140)

Todo aquele medo inicial dos japoneses para com os americanos eram reais, varias jovens japonesas se tornaram prostitutas para eles.

(...) o corpo feminino serviu como uma metonímia para a sociedade japonesa que foi libertada do regime dos tempos da guerra e posteriormente voltou a ser engolida pela ordem política dos vencedores. As mulheres como prostitutas - dezenas de milhares de japonesas que trabalharam como prostitutas (pan pan) para os pracinhas foram símbolos ambivalentes tanto da libertação como da subjugação da sexualidade japonesa pelo ex-país inimigo.(IGARASHI, 2011, p. 149)

A desnutrição levou muitos ao óbito, uns por ela mesma outros pelas doenças que era fácil de adquirir. A maioria dos mortos por desnutrição eram crianças ou jovens que perdiam seus familiares diretos (pai e mãe) durante o processo da guerra afirma Igarashi (2011, p.168-9)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Japão um país considerado inferior na visão dos anos XIX por todos os países do ocidente onde as grandes potencias eram brancas, aceitou o desafio de mostrar seu poder e assim o fez se expandindo gradativamente, porém pelo fato de sua entrada tardia nessa disputa por dominação geográfica teve dificuldade em aumentar seus domínios no continente africano e até uma americana.

Apesar de ter demonstrado com os anos a sua força, ele não conseguiu se manter no patamar almejado. Ele não seguiu ser taxado de colonizador pelos outros países dominantes, porém conseguiu ser visto como ameaça.

Amigo e inimigo, meio termo esse é o relacionamento Japão x Estados Unidos. Quando o Japão se tornou o único colonizador asiático fez aliança com os Estados Unidos onde ele se tornou o apoio durante a primeira guerra, durante essa aliança os EUA observava o Japão meticulosamente e sua forma de guerrear causou desconforto americano. Alguns anos se passaram e iniciou-se a segunda guerra nela o Japão se tornara inimigo dos Estados Unidos, pois se unira a Alemanha nazista. Durante essa guerra o Japão lutou com honra e pelo o que acreditavam se renderam após a explosão da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, a estudiosos afirmando que o Japão já ia se render e era desnecessário o uso das bombas. Após tudo isso o Japão voltou a ser aliado dos Estados Unidos agora o conflito era a guerra fria Capitalismo x Comunismo.

Todavia essas idas e vindas teve um papel importante para o descobrimento do Japão aos olhos dos Ocidentais e mais precisamente dos Americanos, o período de mais pesquisa sobre esse país foi antes e durante a segunda guerra mundial, período que o "mundo" buscou mais conhecimento.

É considerável afirmar que o estudo do comportamento japonês só é alimentado pelos países dominantes nominalmente Estados Unidos e a Europa em si. Aqui no Brasil a pesquisa relacionada ao comportamento deles é mínima a ponto de ser considerada inexistente. Esse trabalho alcançou seu propósito, propósito de colocar em pauta toda uma visão Orientalista feita pelos Estados Unidos sobre o Japão e debater de forma a mostrar que estão apenas agindo de forma preconceituosa pois a maioria dos relatos feitos por Benedict podemos ver que para a época seria o mesmo comportamento das famílias americanas e sobre os relatos do Igarashi mostra como a população ficou pós guerra mostrando que além dos americanos ter uma visão distorcida dos Japoneses passaram isso para eles também no momento que jovens japoneses foram para os estados unidos estudar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada:** padrões da cultura japonesa. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CHESNEAUX, Jean. **A Ásia oriental nos séculos XIX e XX.** São Paulo: Pioneira, 1976.

FERRO, Marc. **História das colonizações:** das conquistas às independências séculos XIII a XX.5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HOBBSBAWM, E. J. **Era dos extremos:** o breve século XX : 1914-1991. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória:** narrativas do pós-guerra na cultura japonesa (1945- 1970). São Paulo: Annablume, 2011. 536p.

PANIKKAR, K. M. **A dominação ocidental na Ásia.** 2. ed. São Paulo: SAGA, 1969.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

_____. **Orientalismo:** o oriente como invenção do ocidente. 5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SASAKI, Elisa Massae. **O orientalismo e o Japão** apud Histórias conectadas e dinâmicas pós-coloniais. Curitiba: Fundação Araucária, 2008. 306 p.

IBGE. **Países.** Disponível em: <www.ibge.gov.br/paisesat/main_frameset.php>. Acesso em: 14 jun. 2014.

PORTAL DOMÍNIO PÚBLICO: BIBLIOTECA DIGITAL DESENVOLVIDA EM SOFTWARE LIVRE. **O Japão, Alúcio de Azevedo**. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000027.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2011.

